

14-09-2020

Cuidados Paliativos: “a arte de cuidar do amor de alguém”

Ernani Costa Mendes

[Fisioterapeuta INCA/Ministério da Saúde.
Doutor em Ciências ENSP/Fiocruz]

Quando nós, simples mortais, caminhamos para a terminalidade da vida uma tempestade de sentimentos, problemas, confusões, tristezas, arrependimentos, frustrações, desilusões, revoltas e até contentamentos, em alguns casos, invadem o nosso território mental... Confesso que ultimamente tenho pensado muito sobre o que é para o familiar/cuidador perder o seu ente querido ou o seu amor! Esse pensamento tem sido muito recorrente. Por mais que os familiares saibam que a morte é líquida e certa, a esperança que os movimenta ao mesmo tempo conscientiza-os de uma luta extrafísica para “salvar a pele” de seus amores, mesmo diante de uma doença implacavelmente mortífera. Isso é algo que ainda não compreendemos (profissionais de saúde) e, psiquicamente falando, penso que estamos diante de um labirinto existencial invejável... Tento entender o porquê ... isso tem me chamado tanta atenção! Trabalho com pessoas gravemente enfermas numa unidade de cuidados paliativos. ...

As pessoas que lá chegam possuem cânceres avançados com sintomas e complicações oriundos da multiplicação celular descontrolada de tumores que levam à exaustão completa de suas energias. Temos a fadiga e a caquexia como dois bons exemplos dessa exaustão. É arrepiante observar como o câncer mata impiedosamente suas vítimas! É lugar-comum ouvirmos dos pacientes e de seus familiares... “essa doença é muito ingrata”, “olha minha foto antes e olha como estou agora”, “ele perdeu em duas semanas mais de 20 quilos”, “ela passa o dia inteiro em cima dessa cama, não levanta pra nada”, “não sei o que fiz para merecer essa doença”, “essa doença está minando as minhas forças”, “estou quase entregando os pontos” “a doença roubou a minha vida” “eu quero minha vida de volta”... E assim vai, poderia fazer aqui uma lista interminável dessas experiências... O que procuro entender?

Como e quais são as ferramentas existenciais e psíquicas disparadas pelos familiares/cuidadores que fazem com que eles acreditem que podem ou poderão salvar a vida de seus amores? São mães que acreditam que o tumor que avança nos encéfalos de seus filhos deixando-os tetraplégicos terá remissão espontânea; são esposas que têm fé que o tumor que avança nos tubos digestivos de seus maridos, evoluindo para a obstrução intestinal maligna, desaparecerá ao romper do dia; são maridos confiantes que o tumor de mama de suas esposas, que cresce irremediavelmente solapando todos os ossos do corpo, inclusive os da coluna vertebral, deixando-as encarceradas na cama, terá complacência em não mais açoitá-las suas amadas... São essas atitudes que procuro entender. ...

Não estou me referindo a pessoas empedernidas, nutridoras de fé cega que não entendem ou não aceitam o mau prognóstico do câncer, não é isso! É claro que essas situações acontecem, tenho clareza disso. Estou me referindo aos comportamentos altruísticos dessas pessoas, frente ao percurso tenaz de incurabilidade dos cânceres de seus amores.

Nesses comportamentos têm algo que foge ao nosso entendimento, à nossa compreensão lógica de realidade.

Viver é uma magia. E saber viver é mais ainda. Parece-me que esses familiares/cuidadores já entenderam ou descobriram a chave essencial dessa magia. Eles defendem a vida dos seus amados até o final. É incrível. Chega a ser emocionante...

Lembro-me muito daqueles filmes antigos onde imperadores romanos entravam em guerras com o número de soldados infinitamente menor em relação ao adversário, porém com estratégias muito bem engendradas, sendo a principal delas a certeza da vitória... Familiares/cuidadores são orientados para que a luta poderá ser inglória, porém, magistralmente não deixam de lutar. “Existe vida na luta pela vida”, como já dizia Sílvia Nobre, uma distinta colega fisioterapeuta.

Mas quem são esses ilustres amados pacientes?

É o pai, motorista de táxi, que dirigiu por 40 anos sob chuvas torrenciais ou sol escaldante para ganhar ‘algum’ e poder construir uma boa casa e pagar os estudos dos filhos; é a mãe, empregada doméstica, moradora de Nova Iguaçu que “chacoalhou” por 30 anos nos trens da Central do Brasil para trabalhar em Copacabana para poder criar seus três filhos, pois o companheiro a abandonou quando o menorzinho tinha apenas dois anos de idade; é a tia que não casou, porém trabalhou a vida inteira para criar os sobrinhos, cujos pais morreram violentamente num assalto de carro; é a avó que passou a cuidar dos netos porque a mãe decidiu não mais cuidar quando se separou do pai das crianças...

E assim formamos uma constelação de abnegados e amados pacientes... E qual é o privilégio do paliativista de cuidar do amor de alguém? É penetrar nesse mundo mágico e se inebriar com essas histórias. Um paliativista sendo bom profissional e um excelente observador será capaz de proporcionar verdadeiros benefícios para esses pacientes e suas famílias, além de ter a prerrogativa de corrigir e redirecionar suas próprias questões pessoais referentes à vida e à morte.

Entrando em contato diariamente com casos extremamente ricos e instigantes, do ponto de vista clínico, emocional e social, o paliativista imbuído do compromisso de aliviar o sofrimento evitável estabelecerá pontes humanas permitindo ao processo de morte tranquilidade e transcendência.

A arte de cuidar do amor de alguém na finitude da vida é uma experiência fenomenológica transformadora! Os cuidados paliativos, que são, ao pé da letra, “cuidados protetivos”, têm o compromisso ético de cobrir, proteger (*pallium*, significa manto) a dignidade humana exposta pelo avanço inexorável da doença. O cuidado numa concepção ontológica está na semente da vida, ou seja, em sua imanência. E o cuidado, realizado com amor, faz a vida pulsar, mesmo em sua fase derradeira... mesmo assim... ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.